

Paisagem material, paisagem simbólica e identidade no concelho de Castelo de Vide**

O artigo incide sobre a relação entre paisagem e identidade social no contexto da presente transformação e reinvenção do espaço rural. Discutem-se os resultados e a metodologia de um estudo multidisciplinar que mobilizou conhecimentos tanto da antropologia como da geografia. Com base numa tipologia da paisagem e em narrativas pessoais e do lugar, equaciona-se o papel da paisagem como operador simbólico na produção de identidades locais em Castelo de Vide (Norte alentejano). Identificam-se e descrevem-se os eixos de diferenciação simultaneamente espacial e social que consubstanciam, neste caso, a relação dinâmica entre paisagem e identidade local.

Palavras-chave: Castelo de Vide; paisagem; identidade local; ruralidade.

Material landscape, symbolic landscape, and identity in the municipality of Castelo de Vide

This article addresses the impact of landscape and social identity on contemporary transformations and the reinvention of rural space in Castelo de Vide (North Alentejo region, Portugal). We describe a multidisciplinary research method combining anthropology and geography, and present the findings obtained. Combining a landscape typology with personal narratives of place — social-cum-spatial differentiation — allows us to explore relationships between landscape and local identity as a dynamic process in the region.

Keywords: Castelo de Vide; landscape; local identity; rurality.

INTRODUÇÃO

Este artigo ocupa-se da relação entre paisagem e identidades locais, articulando os olhares distintos da geografia e da antropologia. Com base numa tipologia da paisagem e em narrativas pessoais e do lugar, equaciona-se o papel da paisagem como operador simbólico na constituição da comunidade local no

* ICAAM, Universidade de Évora, Pólo da Mitra, apartado 94, 7002-774 Évora, Portugal. e-mail: jcarolino@uevora.pt e mtpc@uevora.pt

** A pesquisa que aqui se apresenta beneficiou do apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito da bolsa da pós-doutoramento atribuída a Júlia Carolino (SFRH/BPD/29086/2006) e do projecto MURAL (POCI/AGR/59832/2004) sobre multifuncionalidade da

concelho de Castelo de Vide (Norte alentejano). Dado o papel histórico da agricultura na construção da paisagem alentejana, procura-se entender também qual o lugar desta actividade na negociação contemporânea de identidades locais, num contexto rural como o de Castelo de Vide. Em termos mais vastos, o artigo pretende mostrar a utilidade de um enfoque na paisagem para o estudo da transformação em curso no espaço rural.

Se durante um período que culminou, em Portugal, em meados do século XX, “o rural” podia ser plausivelmente retratado em termos de uma coincidência entre espaço, sociedade e agricultura (Baptista, 1996), hoje tornou-se evidente que a agricultura tende a perder a centralidade que detinha. No interior do país, esta situação tem levado a equacionar o problema do abandono da terra. Num estudo recente, Pinto-Correia *et al.* (2006) reflectem, no entanto, sobre os limites da utilização deste conceito, na medida em que o mesmo não permite diferenciar os vários processos de transição em curso (Wilson, 2007), os quais tanto podem levar ao abandono da terra, a mudanças no seu uso, ou ainda ao abandono das povoações locais. A noção de abandono não permite, igualmente, pensar positivamente transformações na gestão da terra que possam corresponder a outros usos da paisagem, designadamente a usos recreativos de génese urbana (Pinto-Correia e Primdahl, 2009; Selman, 2006; van der Ploeg e Marsden, 2008). Em alternativa, estes autores propõem uma perspectiva territorial na análise das transformações da agricultura, que considere no seu conjunto diversas formas de gestão da terra e, assim, de articulação entre espaço e sociedade (van der Ploeg e Marsden, 2008).

Castelo de Vide, ao reunir condições especialmente atractivas ligadas à crescente importância do turismo cultural e ambiental e à reconfiguração dos campos como espaços de lazer, proporciona um contexto interessante para pensar a relação entre identidade local, paisagem e mudança num Alentejo marcado por transformações na relação entre o rural e o urbano (Carmo, 2007 e 2008; Raminhos, 2004). Neste texto, propomo-nos contribuir para tal debate olhando para a negociação dinâmica entre a identidade local e o modo como ela se liga a noções de ruralidade, já menos centradas na agricultura. Especificamente, consideraremos a mobilização da paisagem material para a demarcação de fronteiras simbólicas a partir das quais ganham vida diferenciações que são simultaneamente sociais e espaciais.

Iniciamos o texto com uma breve exposição dos conceitos e metodologias utilizados na pesquisa. De seguida apresentamos uma panorâmica sobre

paisagem rural e preferências expressas pelos vários utilizadores, coordenado por Teresa Pinto-Correia. As autoras agradecem a todos os que, em Castelo de Vide, acolheram e apoiaram activamente esta investigação. Um agradecimento especial a Carolino Tapadejo, Tiago Malato e António Pita pelo apoio prestado a Júlia Carolino durante a sua estadia no concelho.

Recebido para avaliação a 11-12-2009. Aceite para publicação a 29-06-2010.

o concelho de Castelo de Vide, identificando a tipologia da paisagem que constituiu ponto de partida para este estudo. Estaremos então em posição de considerar como entendem os habitantes do concelho a diferenciação territorial apontada pela referida tipologia, e o papel que esta desempenha na forma como imaginam e negociam o lugar e a comunidade. Por último, serão abordadas percepções da mudança social associadas à paisagem, detendo-se o artigo, em particular, sobre os novos sentidos da agricultura no modo como a ruralidade é pensada no concelho em análise.

CONCEITOS E METODOLOGIA

O estudo cujos resultados aqui se apresentam tomou como ponto de partida o reconhecimento pelos habitantes de Castelo de Vide da existência de um “lugar”. Para os residentes no concelho, a existência simultânea de um lugar chamado Castelo de Vide, e de um conjunto distinto de pessoas a ele ligado — os castelo-videnses —, é uma evidência social, resultante de um imaginário que justapõe território, cultura e identidade e que encara o lugar como um todo que se delimita territorialmente e ao qual se associa um dado povo (Anderson, 1991).

Por “lugar” entendemos aqui uma entidade espacial simbolizada como única e associada à experiência situada, concreta e singular, reportada a um sujeito. Esta abordagem filia-se na filosofia fenomenológica de Casey, para quem o lugar (*place*) se constitui na, e é constitutivo, da própria experiência de ser-no-mundo (Casey, 1993, 1996 e 1998). A noção de fronteira simbólica que mobilizamos para este texto surge, na perspectiva deste autor, associada à ideia do horizonte intrinsecamente social e cultural que confere coerência à experiência vivida do espaço, que é sempre, antes de mais, uma experiência do lugar. Na acepção Heideggeriana, que é cara a Casey, e que se adota também aqui, a fronteira corresponde à noção de limite como um poder positivo, a partir do qual algo “inicia a sua presença” (Casey, 1998, p. 262).

Esta ênfase nas fronteiras simbólicas (e vividas), as quais instituem o lugar, vem ao encontro da perspectiva defendida por Gupta e Ferguson (2001 [1997]) de que a identidade não é um atributo fixo de sujeitos individuais ou colectivos, mas uma relação de diferença. A identidade existe na medida em que se pratica, sendo nessa prática que podemos identificar os eixos que lhe dão sentido. Assim, é no próprio processo de afirmação do lugar como espaço de identidade que une quem está “dentro”, e diferencia quem está “fora”, que os sujeitos se constituem como “locais”.

A relação entre paisagem e identidade local é, deste modo, tratada aqui através de uma atenção às fronteiras conceptuais, simultaneamente sociais e

espaciais, que instituem o lugar e que, ao mesmo tempo, actuam como vectores de produção de subjectividades locais. Atendendo a que se trata de um processo sempre renovado de produção de identidade, uma atenção a tais fronteiras simbólicas e ao modo como se reconfiguram incessantemente em contexto inter-subjectivo permite-nos abordar, na perspectiva dos habitantes de Castelo de Vide, tanto o que é visto como continuidade — o que singulariza e perpetua —, como a mudança.

Por seu turno, a pesquisa aqui apresentada recorre a duas abordagens teóricas da paisagem, combinando-as, e tem em conta a tensão que o conceito encerra (Conselho da Europa, 2000). Por um lado, a paisagem material enquanto tradução espacial de unidades ecológicas com atributos específicos, as quais se transformam e modelam pelo uso feito pelo Homem, designadamente através de sistemas agrícolas específicos, o que resulta num mosaico complexo de várias manchas de ocupação do solo e de elementos lineares, com uma composição e configuração própria em cada lugar (Burel e Baudry, 1999; Forman e Godron, 1986). Por outro lado, a paisagem simbólica, fruto do olhar que constitui o território como paisagem, suscitando a investigação do universo cultural e histórico que informa esse olhar (Cosgrove e Daniels, 1994 [1988]). Na linha de Hirsch (1995), no entanto, não devemos esquecer que na vida social as concepções tendencialmente ideais que informam a paisagem simbólica se relacionam com as práticas sociais quotidianas que instituem o mundo vivido dos actores sociais. Mais do que ser material ou simbólica em si mesma, a paisagem encerra uma tensão entre estas dimensões, tensão essa que as põe em relação a partir de um enfoque específico na forma, enquanto faceta tangível de processos socioespaciais. De acordo com Ingold (2000, p. 193), numa perspectiva fenomenológica “a noção de paisagem [...] põe a ênfase na forma da mesma maneira que o conceito de corpo enfatiza a forma e não o funcionamento de uma criatura viva. Se o corpo é a forma em que a criatura está presente enquanto ser-no-mundo, então o mundo em que esse ser é apresenta-se sob a forma de paisagem”.

Assim, a presente pesquisa colocou a questão de entender se, e de que modo, a paisagem expressa — na sua forma e para os actores sociais considerados — a existência de entidades sociais especificamente locais, ou seja, relacionadas com o lugar.

Em termos metodológicos, trata-se de uma investigação de tipo qualitativo, baseada em trinta entrevistas realizadas nos meses de Maio e Agosto de 2007 a um conjunto diversificado de residentes no concelho. Estas entrevistas tiveram por objectivo mapear formas de imaginar a relação entre paisagem e identidade local na sua diversidade de expressões e nos termos dos próprios entrevistados. A selecção dos entrevistados foi feita progressivamente e procurou cobrir os tipos sociais identificados ao longo das pró-

prias entrevistas, ao mesmo tempo que se foi verificando a relação dos perfis emergentes com os eixos de caracterização sociográfica mais convencionais¹. Apesar de se tratar de uma pesquisa de curta duração, as opções tomadas tiveram por objectivo manter um procedimento aberto, atento ao modo como as questões tratadas (paisagem e eixos de identificação/diferenciação social) emergiam nos termos dos próprios entrevistados (abordagem característica do trabalho de campo etnográfico de longa duração)².

Das 30 entrevistas realizadas, 25 combinaram uma parte não directiva, focada em aspectos da história de vida do entrevistado e orientada para a exploração das referências ao concelho que surgissem ao longo da entrevista, e uma outra em que se recorreu a uma tipologia da paisagem e a fotografias representativas, e se pediu aos entrevistados que apontassem e comentassem quais as que relacionavam mais fortemente com Castelo de Vide, e quais preferiam em termos pessoais³.

Para a elaboração de uma tipologia prévia da paisagem, procurou-se o seu carácter tendo em conta as diferentes combinações das marcas físicas da paisagem (litologia, morfologia, solos, estrutura da propriedade, ocupação do solo, elementos lineares), assim como do peso específico que cada uma destas dimensões tem à escala local. Seguiu-se a abordagem do LCA (*Landscape Character Assessment*), desenvolvida no Reino Unido e aplicada já em vários exemplos europeus (Countryside Commission, 1998; Marusic *et al.*, 1998; Pinto-Correia, Cancela d'Abreu e Oliveira, 2001). Esta definição das unidades de paisagem, tanto no seu número como nos seus limites, foi afinada através da realização de um inquérito por questionário a 35 habitantes do concelho, baseado em fotografias reais (isto é, não manipuladas), representativas das unidades identificadas, seleccionadas por peritagem de um conjunto vasto de fotografias tiradas ao longo de uma grelha de amostragem pré-definida, durante um curto período, na época de Verão (para assegurar maiores contrastes), em condições semelhantes de clima e luminosidade

¹ Foram entrevistados 12 residentes na vila, 6 residentes na aldeia e 12 residentes “no campo”. Quanto à origem, 20 eram naturais do concelho e 10 provinham de fora, predominantemente de outros centros urbanos; 13 dos entrevistados eram mulheres e 17 homens. 5 tinham até 25 anos, 15 entre 25 e 65 anos e 10 tinham mais de 65 anos. Em relação à escolaridade, 9 possuíam o 1.º ciclo ou menos, 12 escolaridade intermédia e 9 formação superior. 3 dos entrevistas eram proprietários/empresários, 6 exerciam funções como quadros superiores/profissões liberais, 3 eram agricultores por conta própria, 6 eram funcionários administrativos, 4 empregados do comércio, 2 artesãos, 2 operários, 3 domésticas e 1 estudante.

² Como nota Agar (1996, p. 169), a estratificação de uma amostra de acordo com as variáveis mais convencionais pode revelar-se simplista ou mesmo enganadora face aos eixos de agrupamento/diferenciação que estruturam o campo estudado. Este facto só se torna acessível ao investigador com um conhecimento mais aprofundado do terreno, atento aos modos de classificação que operam no contexto em questão.

³ Nas primeiras 5 entrevistas, de carácter exploratório, não foram usadas fotografias.

(Pinto-Correia, Barroso e Menezes, 2010). O uso das fotografias reais como método de inquirir sobre a paisagem e a forma como os utilizadores a consideram tem sido abundantemente utilizado em abordagens que visam uma avaliação qualitativa, sendo os resultados muito ricos, uma vez que a informação obtida pode ser analisada em várias dimensões (Bell, 2001; Dramstad *et al.*, 2006; Michelin, 2000)

A análise das entrevistas, orientada pelo objectivo de identificar modos de relacionar paisagem e identidade local, combinou o recenseamento das temáticas emergentes quanto às dinâmicas de identificação e diferenciação entre castelo-videnses e “outros” com a leitura dada pela própria grelha implícita nas fotografias.

Procurou-se, assim, ensaiar complementaridades entre abordagens disciplinares com entendimentos e tratamentos diferenciados da paisagem e práticas metodológicas de natureza diversificada.

CASTELO DE VIDE. TIPOLOGIA E PERCEPÇÕES DA PAISAGEM

Situado no Nordeste alentejano, o concelho de Castelo de Vide caracteriza-se por uma baixa densidade populacional (16 hab./km²), sendo o povoamento concentrado em dois núcleos principais: a vila de Castelo de Vide, com 2678 habitantes, e a aldeia de Póvoa e Meadas, com 666 habitantes (e 528 habitantes em habitação dispersa). Como é comum no interior do país, também este concelho se caracteriza por uma população envelhecida (30% dos habitantes têm mais de 65 anos), níveis débeis de qualificação formal (apenas 56% da população completou a escolaridade obrigatória/ensino básico e 35% o 1.º ciclo), taxa de actividade baixa (40%) e grande peso no emprego do sector terciário ligado à prestação de serviços públicos (69,3%, dos quais 39,6% relacionados com a actividade económica) (RGP 2001/INE).

No que se refere ao uso da terra, predomina uma produção pecuária de tipo extensivo, suportada pelos incentivos da Política Agrícola Comum (PAC) ainda em vigor, a par da agricultura de pequena propriedade na zona envolvente da vila, onde as condições edafo-climáticas permitem uma produção mais intensiva. Este tipo de agricultura tem vindo a sofrer uma transformação no sentido do abandono das produções mais exigentes em mão-de-obra, da manutenção do olival e das pastagens e, em paralelo, alguma retoma por novos residentes que iniciam uma actividade agrícola complementar a outras actividades e fontes de rendimento.

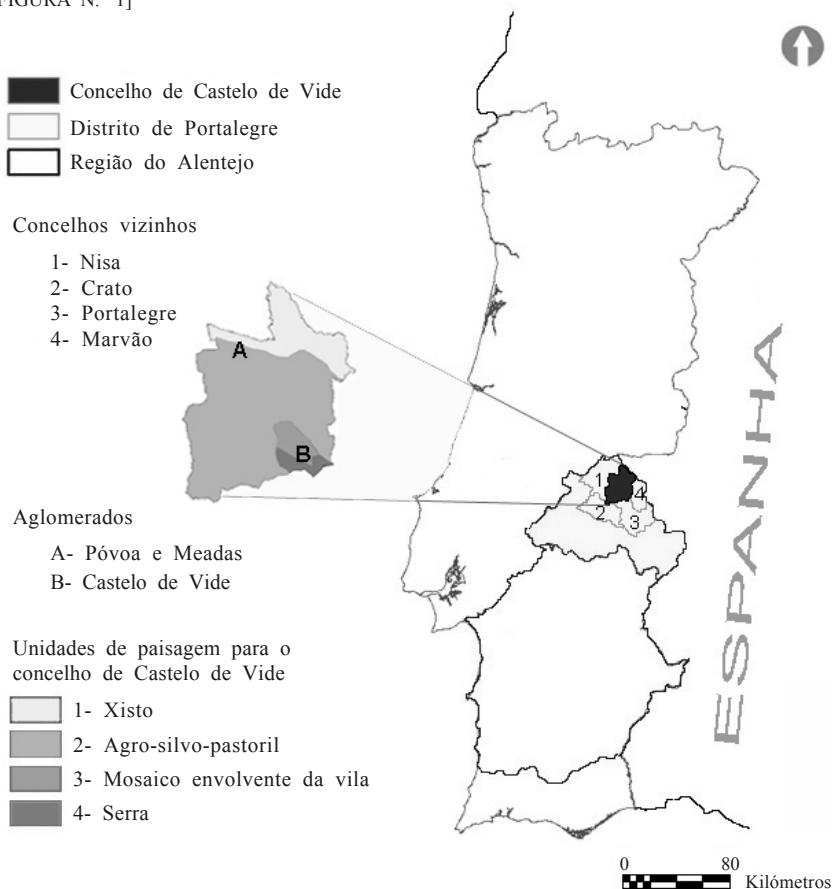
Por outro lado, as suas características ambientais e culturais e a diversidade e singularidade da paisagem do concelho no contexto Norte alentejano, têm feito de Castelo de Vide um alvo cada vez mais importante, tanto para recreio como para a instalação de novos residentes de proveniência

urbana, nacionais ou estrangeiros. Esta paisagem diversificada, dependente em grande medida da manutenção dos sistemas silvo-pastoris extensivos e de um mosaico de usos mistos na envolvente da vila (em pequena propriedade), encerra grandes potencialidades em termos de um uso multifuncional do espaço rural (Pinto-Correia, Barroso e Menezes, 2010; Pinto-Correia e Primdahl, 2009).

Nesta secção do texto daremos brevemente conta de alguns elementos de caracterização das unidades de paisagem definidas, os quais justificam a escolha das quatro fotografias representativas da diversidade paisagística do concelho (para uma caracterização mais completa v. Pinto-Correia, Barroso e Menezes, 2010 e Pinto-Correia e Primdahl, 2009).

Localização de Castelo de Vide e unidades de paisagem

[FIGURA N.º 1]



Prolongando-se para Sudeste, a serra de São Mamede (figura n.º 2) corresponde ao extremo da serra que se encontra no concelho de Castelo de Vide, e que se distingue da restante paisagem envolvente pelo relevo e pela vegetação muito mais densa, por vezes mesmo luxuriante, associada a maiores níveis de precipitação. É uma zona fortemente caracterizada pela presença da floresta, onde encontramos ainda áreas de soutos e outras espécies autóctones, as quais convivem com plantações em monocultura, com destaque para o pinheiro.

O relevo da serra, em conjunto com a presença de água e a exuberância da vegetação contam-se entre as características que se considera darem a Castelo de Vide um cunho distintivo, e estão no cerne da proverbial qualificação da vila como a “Sintra do Alentejo”, atribuída a D. Pedro V aquando de uma visita à povoação. Em 1989, o Parque Natural de São Mamede veio consagrar a associação da serra à natureza, pondo a tónica na preservação dos recursos geomorfológicos, da flora e da fauna locais, e também da sua paisagem humanizada, salvaguardando uma articulação positiva entre os ecossistemas naturais e as actividades humanas.

Na envolvente da vila, sobretudo para Norte, situa-se uma área de pequena propriedade (com cerca de 5 hectares em média), distinta pelo seu mosaico diversificado de olival, pastagem, hortas, vinha e pomares. Esta envolvente da vila é hoje muito procurada como área residencial, resultando numa maior densidade de construção para habitação permanente e segundas residências. Nalguns casos verifica-se a manutenção de um uso agrícola associado a um uso residencial, mas noutras situações aquele deu lugar a outro tipo de ocupações associadas ao lazer.

Contígua ao mosaico envolvente da vila, para Norte, encontramos a mancha em que predomina o sistema agro-silvo-pastoril, que ocupa a maior parte do concelho. Por toda esta área, mas em densidades variadas do coberto arbóreo, se combinam no sob-coberto as pastagens com algumas culturas anuais, manchas de mato e mesmo coberto arbóreo denso. Particularmente marcantes e distintivos desta zona são os afloramentos rochosos. As explorações agrícolas são aqui de dimensão menor do que na área de xistos (com uma média de 100 hectares), sendo a criação de gado bovino e ovino a actividade predominante.

Por último, a Norte do concelho encontramos a área a que chamámos “o xisto”, e que se caracteriza por ser mais aberta e inóspita, onde predominam os solos pobres, vastas extensões de matos e áreas de montado disperso (sobreiro e azinheira). Encontram-se aqui, também, grandes extensões de eucaliptal. Trata-se da área do concelho onde as propriedades atingem maior dimensão, rondando os 1000 hectares. A par da criação extensiva de gado, que predomina no concelho, a caça turística é uma actividade cada vez mais importante nesta área.

Sendo as quatro áreas de paisagem facilmente reconhecidas como distintas pelos habitantes locais (uma pré-condição para a própria definição destas áreas) constata-se, no entanto, que os mesmos lhes atribuem graus diferentes de centralidade. Sobretudo entre os naturais do concelho, são principalmente as zonas da envolvente da vila e da serra de São Mamede aquelas que se encontram mais associadas a Castelo de Vide, contrastando com o carácter periférico que assumem tanto a área onde predomina o sistema agrosilvo-pastoril como a área do xisto. Esta diferenciação é indicativa da não coincidência entre a definição administrativa do concelho e a vivência territorial da sua população, tendo a vila grande centralidade na forma como o território concelhio é percebido. Debruçar-nos-emos seguidamente sobre as percepções do território concelhio por parte dos seus habitantes, com base nos comentários suscitados pelas quatro fotografias que se propunham representar a paisagem do concelho na sua diversidade.

A serra de São Mamede

[FIGURA N.º 2]



Foto: Projecto MURAL, ICAAM, Universidade de Évora.

Nas entrevistas realizadas no âmbito do estudo que aqui se apresenta, a serra de São Mamede surge fortemente associada à natureza (“natureza de extraordinária profundidade”) e apresenta uma função de enquadramento da vila (“temos aqui como cenário a Serra de São Mamede”), convocando a ideia de uma permanência exterior aos afazeres humanos.

Os incêndios que afectaram a zona nas últimas décadas, associados por alguns entrevistados às actuais restrições ao uso produtivo do espaço florestal da serra, configuram, no entanto, para muitos dos habitantes locais, um processo de abandono da terra. Ao comentar a fotografia representativa desta unidade de paisagem (v. figura n.º 2) H., elemento da Guarda Nacional Republicana, chama a atenção para a degradação da floresta: “Puseram esse nome de Sintra do Alentejo devido ao arvoredado, à mata que havia, mas agora está assim”. H., tal como outros entrevistados, considera esta degradação sintomática da falta de limpeza das matas. Segundo explica V., moradora na vila, “aquilo se fosse limpinho, as silvas, aquilo tudo, o fogo nunca era tão grande”. A propósito deste problema, refere-se o declínio da exploração florestal por parte dos proprietários, facto que é atribuído tanto à mudança de condições económicas, como às limitações ao uso produtivo da floresta impostas pelo Parque Natural de São Mamede. Neste quadro, “os técnicos do parque” são figuras sistematicamente mencionadas como exemplificadoras de um olhar urbano e desinformado sobre a realidade local. Nas palavras de L., de origem rural, “a gente abre os olhos é cortando papéis [sofrendo], não é num berço todo embalado, cheio de mantinhas, isso não se aprende nada, temos de apanhar um bocadinho de dureza [...] eles podem ter estudos, podem ter canudos, mas não me dão lições na terra”.

O mosaico envolvente da vila

[FIGURA N.º 3]



Associada à serra de São Mamede, também esta paisagem é tida pelos entrevistados como bastante característica do concelho. Para I., uma jovem natural do concelho, a fotografia representativa do mosaico envolvente da vila ilustra bem Castelo de Vide, na medida em que “mostra um bocadinho de tudo daqui da zona [...] tem o castelo, tem a paisagem típica do campo, tem as casas”. A perspectiva sobre o perfil urbano da vila, no horizonte, é valorizada por I. e por outros entrevistados, sendo associada à diversidade dos elementos presentes, que, como veremos, se considera em si mesma distintiva de Castelo de Vide. É para esta diversidade e para o seu carácter luxuriante, que apontam também os entrevistados que consideram faltarem na imagem alguns elementos distintivos, designadamente as hortas associadas a cursos de água e a conjugação de olival, terra cultivada e habitação. Para O., agricultor natural do concelho, a fotografia apresenta-se “um bocado ampla, apanha várias coisas, mas acho que não está o principal. [...] Havia que apanhar aqui os tais vales, uma casa típica, [...] nós temos aí excelentes olivais. [...] Temos aí umas zonas que a gente chama as várzeas, que há por aí, uns prédios, assim zonas [...] vales, vá, mais frescas, mais verdes”.

Esta paisagem suscita sobretudo apreciações positivas. Segundo V., já reformada e habitante desde sempre do núcleo histórico da vila, [essa zona] “é um sítio onde vive pessoal, está tudo arranjadinho, tudo limpinho [...] Há certos sítios que têm belas hortas [...] umas hortazinhas, onde semeiam tudo, têm tudo todo o ano, e vêm até vender à praça quando é nas sextas-feiras. Feijão verde, espinafres, nabijas”. Para os naturais de Castelo de Vide, esta é a zona das fazendas (minifúndio) e dos fazendeiros (pequenos agricultores), a quem estão particularmente associadas memórias da relação estreita entre a vila e o seu termo. O mercado, que se realiza na vila todas as sextas-feiras, é considerado um testemunho dessa relação entre a vila e as fazendas. Aí se deslocam actualmente agricultores mais idosos para vendem produtos das suas hortas. Durante a pesquisa encontrámos no mercado P., pequeno agricultor, que ali vende semanalmente legumes. P. explorava antigamente uma tapada (parcela de maiores dimensões) localizada mais a Norte, na paisagem agro-silvo-pastoril. À medida que foi envelhecendo, no entanto, sentiu necessidade de trocar o isolamento do campo pela acessibilidade a serviços localizados na vila. Com o acordo dos donos da terra que cultivava actualmente (que não residem no concelho), passou a manter uma horta junto da vila. P. salienta que realizou vários melhoramentos na horta e que está satisfeito com a possibilidade de poder cultivar os seus próprios legumes, já que “gosta de saber o que come”. O seu caso ilustra bem fenómenos de continuidade e mudança na relação em causa. Embora tais agricultores assegurem hoje o cultivo de terras que há muito são agrícolas, prolongando tal vocação, também é verdade que os novos donos de parcelas que não habitam permanentemente no concelho encontram nestes idosos uma solução vantajosa para a manutenção das suas terras.

O mosaico envolvente da vila constitui hoje, cada vez mais, o espaço residencial de um grupo social que se recruta entre residentes de proveniência urbana, entre os filhos da terra mais jovens com qualificações formais mais elevadas e entre proprietários de segundas residências. Proliferam as casas reconstruídas ou instaladas de raiz, ao mesmo tempo que parte da terra agricultada se transforma em jardins. Esta transformação é entendida de formas relativamente diversificadas. Enquanto surgem preocupações quanto à densidade da ocupação e à descaracterização da arquitectura vernácula por parte dos residentes de proveniência urbana, entre os naturais do concelho predomina uma apreciação positiva da mudança. Tendo agora “muito mais habitações”, a envolvente da vila “é uma zona bonita”, “já muito aumentada”. Constata-se aqui um gosto específico pela humanização do território. Nas palavras de L., 80 anos, que veio residir para a terra da sua esposa depois de reformado (sendo originário de outro espaço rural), “[esta terra] acho que merece ter aqui edifícios [...]. Isto dá outra paisagem, dá outra vida, aqui à gente”.

O sistema agro-silvo-pastoril

[FIGURA N.º 4]



Foto: Projecto MURAL, ICAAM, Universidade de Évora.

O sistema agro-silvo-pastoril singulariza-se, antes de mais, pela predominância dos afloramentos rochosos, também eles considerados distintivos de Castelo de Vide. Em conjunto com o relevo da serra, marcam a intempora-

lidade da paisagem. Q., pedreiro reformado que reside no núcleo histórico da vila, expressa-o bem quando salienta que a fotografia (figura n.º 4) mostra “a planicezinha toda” na sua especificidade castelo-vidense: “porque a gente vive aqui no meio dessas pedras. Habitámo-nos sempre a viver no meio dessas pedras [...] é um cenário bonito para a nossa vista e é o conjunto destas coisas todas que a gente sente no corpo que isto tudo diz-nos qualquer coisa”.

Em termos da percepção territorial do concelho, a paisagem do sistema agro-silvo-pastoril surge homogénea e periférica, em contraposição à maior centralidade do binómio envolvente da vila/serra. Comentando a fotografia que a representa (figura n.º 4), vários entrevistados notaram a ausência de pontos de referência, sendo em muitos casos a “estrada para Alpalhão” (estrada visível na fotografia), que conduz para *fora* do concelho, o elemento de ancoragem. Note-se como V. refere, a propósito desta mesma imagem, que tratando-se da zona “onde a minha mãe semeava o milho e o feijão, [...] fica para além, *não fica assim ao pé de coisa nenhuma*, a gente passava a linha de comboio e era para cima”. O carácter periférico desta paisagem dá-lhe um cunho ambíguo, que ora a liga ao concelho, ora a associa à zona de xistos, com a qual confina a Norte e que, como veremos na próxima secção deste texto, tende a ser dissociada de Castelo de Vide pelos seus habitantes.

O isolamento é um tema frequente nas menções a esta área, podendo ganhar uma conotação positiva, sobretudo entre os residentes de origem urbana e em particular os estrangeiros, ou uma conotação negativa, mais frequente entre os naturais do concelho. M., de proveniência urbana e nacionalidade alemã, que escolheu esta zona para comprar uma casa, explica: “[...] eu gosto muito da natureza. Para mim a ideia de viver numa cidade é um horror. Eu prefiro morar aqui, fora da vila, estar sozinha, gosto muito desta vida. Aqui o único barulho é a linha de comboio, passa um comboio 3 ou 4 vezes por dia, é tudo”. Já V. relata como insistiu para que o pai vendesse “um prediozinho” que tinham “no campo”, porque a mãe se sentia muito sozinha e o pai, na sua opinião, já “não dava conta daquilo”.

Contrariamente às restantes paisagens, para as quais novas vocações são já bem visíveis, esta continua fortemente vinculada à actividade agrícola. A temática do abandono surge aqui de forma mais forte, mesmo se é consensual que estes terrenos não são férteis. R., viúva de um abastado proprietário local, dá voz tanto à visão de alguns proprietários de grande dimensão, como de antigos assalariados rurais (hoje idosos) com quem falámos. Para R. “[...] isto é mais pedras do que outra coisa, aqui nesta região. [...] Mas as pedras, aproveitadas de uma certa maneira dão rendimento, não é? [...] dantes estava tudo habitado, tudo era tratado, lavravam, semeavam grandes tapadas de milho e de feijão, feijão frade, estava tudo muito bonito”. Agora “está tudo abandonado [...] os lavradores já são poucos, e os outros, eh, cada um vem para a vila, não quer já saber do campo para nada”.

O xisto

[FIGURA N.º 5]



Foto: Projecto MURAL, ICAAM, Universidade de Évora.

Estando fortemente associada à freguesia de Póvoa e Meadas, a paisagem do xisto é frequentemente dissociada do concelho de Castelo de Vide. Na própria aldeia de Póvoa, houve quem considerasse, perante as fotografias apresentadas na entrevista, e com excepção da que representa a paisagem do xisto, que “isto não é daqui da Póvoa, é da zona de Castelo de Vide”, que “para paisagem é muito mais bonito do que a Póvoa”.

Segundo C., figura pública local, antigo autarca e artífice, a freguesia de Póvoa e Meadas distingue-se da de Castelo de Vide devido, sobretudo, à estrutura da propriedade: “enquanto a Norte do concelho havia até ao 25 de Abril 3 ou 4 grandes proprietários e havia trabalhadores agrícolas, em Castelo de Vide não havia trabalhadores agrícolas, havia os fazendeiros ou havia agricultores por conta própria”. Tal reflecte-se, a seu ver, em hábitos culturais diferentes, sendo que Póvoa e Meadas estará “muito mais ligada a Nisa”. A noção desta diferença é partilhada por outros habitantes do concelho, que se referem a “rivalidades” entre as duas localidades: Z., funcionário administrativo jovem, residente em Póvoa e Meadas, considera sintomaticamente que se sente “geralmente mais da Póvoa, embora não tenha problemas em relacionar-me com as pessoas de Castelo de Vide”, onde trabalhou durante 6 anos. No entanto admite existir “grande rivalidade, há mesmo tipo discriminação”.

Tal como nas referências à paisagem agro-silvo-pastoril, também aqui encontramos menções ao isolamento, que ora aparece intimamente associado ao abandono agrícola, ora assume as conotações positivas atribuídas por uma sensibilidade urbana à natureza “bravia”. G., moradora na Póvoa, reformada, antiga assalariada rural, considera que “está tudo abandonado. Os montes onde as pessoas iam direitas para o maioral destinar os trabalhos andava tudo limpo, tudo caiadinho, com hortas à volta [...]. Agora tudo mete dó e compaixão. Está tudo a cair”. Pelo contrário, J., italiano residente na vila, aprecia na paisagem do xisto (figura n.º 5) justamente o facto de ela “dar a impressão de uma paisagem virgem [...] uma coisa limpa, não poluída”.

Em Póvoa e Meadas as visões sobre a paisagem local são também contraditórias, conforme sejam emitidas pelos habitantes da aldeia, na sua maioria antigos assalariados rurais, ou pelos proprietários da terra, para quem a gestão da mesma passa hoje muito pouco pela exploração agrícola.

Como ilustra bem o depoimento de G. acima transcrito, para os residentes na aldeia que trabalharam a terra na condição de assalariados, o seu uso actual, muito mais extensivo e já não orientado (como no passado) para a produção cerealífera (Cutileiro, 2004 [1977]), é entendido como uma forma de abandono da terra, abandono esse que não deixa de ter também conotações sociais e morais (Carolino, 2010).

Para os proprietários, no entanto, a produção agrícola deixou de ser viável. E., proprietário ainda residente numa das casas grandes da aldeia, optou por alternativas mais rentáveis, sendo o uso extensivo do solo um meio de garantir maior qualidade dos produtos comercializados e maior sustentabilidade da sua exploração. A produção pecuária em regime extensivo é facilmente combinada com o aproveitamento da caça, sobretudo numa exploração de grandes dimensões (> 1000 ha) como a sua. Segundo E., é esta que assegura o rendimento da exploração nas condições actuais. A caça, que procura colocar no mercado, é o produto em que mais investe. É por referência a esta actividade que constrói o perfil específico e o futuro da exploração, esperando que esta venha a ser a actividade dominante quando a mudança das condições de apoio à agricultura puserem em risco a rentabilidade da pecuária extensiva.

DA SINGULARIDADE DE CASTELO DE VIDE: UMA REALIDADE COMPÓSITA

Como referido anteriormente, as quatro áreas de paisagem de que partiu o estudo aqui apresentado são facilmente reconhecidas como distintas pelos habitantes locais (uma pré-condição para a própria definição destas áreas). Constata-se, no entanto, que os mesmos lhes atribuem graus diferentes de centralidade. Os naturais do concelho associam principalmente a Castelo de

Vide as zonas da serra e do mosaico envolvente da vila, em contraste com o carácter periférico que atribuem tanto à área onde predomina o sistema agro-silvo-pastoril como à área do xisto. Esta diferenciação é indicativa da não coincidência entre a definição administrativa do concelho de Castelo de Vide e a vivência territorial do mesmo, tendo a vila grande centralidade na forma como o território concelhio é percebido pelos seus habitantes. É sobre este aspecto que nos deteremos agora.

UM CENTRO URBANO

A vila, sede municipal, assume grande centralidade na forma como os residentes pensam o território do concelho na sua totalidade. Embora em termos de reconhecimento os entrevistados facilmente relacionem as fotografias apresentadas com áreas distintas do concelho, foi muito significativa a predilecção por aquelas que relacionam abertamente o concelho com a vila, privilegiando-se mesmo imagens que projectam o olhar sobre o aglomerado urbano. D., funcionária administrativa residente na vila, é peremptória: “Eu acho que o concelho de Castelo de Vide é o castelo, o que as pessoas mais conhecem, a Senhora da Penha, a ponte da vila, acho que propriamente estas imagens [todas fotografias mostradas na entrevista] não [retratam Castelo de Vide], porque as pessoas não se identificam. Quando olham para Castelo de Vide [as pessoas] estão à espera de ver aquelas marcas da vila, que toda a gente conhece. Não propriamente estas paisagens”.

A ideia de que a vila é um pequeno centro de características urbanas é importante no modo como os naturais do concelho concebem Castelo de Vide enquanto “um lugar”. Q., natural da vila e morador no centro histórico, que foi pedreiro durante a sua vida activa, ao contar-nos que em parte aprendeu o seu ofício em Castelo de Vide salienta a relativa urbanidade da vila: “naquela época, tirar a quarta classe, aprender música e aprender a profissão já era... era um grande curso, pronto”. Segundo Q., em Castelo de Vide sempre houve “uma vida de cultura”, que a distingue de outras vilas: “havia aqui duas bandas, uma corporação de bombeiros, havia um grupo teatral, havia cinema, eu conheci sempre luz eléctrica e sempre cinema em Castelo de Vide, numa terra em que já havia sociedades”. Este depoimento ilustra uma sensibilidade mais vasta, que atribui à vila um cunho de desenvolvimento, dinamismo e abertura ao mundo característico dos centros urbanos.

Olhada apenas em si mesma, a vila emerge como um centro urbano polarizador, aspecto revelado no carácter icónico dos elementos que D. identifica como “as marcas da vila”. Se tal parece anular o papel da paisagem no entendimento de Castelo de Vide como “lugar”, não é no entanto o caso. Pelo contrário, os dados das entrevistas revelam o entendimento da realidade local como uma unidade a vários níveis compósita.

UM LUGAR COMPÓSITO

À medida que vamos descendo [para o vale] começamos a ver nogueiras, figueiras, nespereiras, pereiras, macieiras, abrunheiros, pessegueiros. E porquê? Se tem uma nesguinha de terra e tal, aproveita isso tudo e portanto todo o ano tem algum azeite para o Inverno, tinha os figos na arca dos figos e assim sucessivamente. [...] as pessoas tinham um bocadinho de terra e queriam ter um bocadinho de cada coisa, e então plantavam não sei quantas espécies. Vemos o castanheiro conviver com o sobreiro, com as outras árvores, com a azinheira, num espaço às vezes de meio hectare.

Aos olhos dos habitantes de Castelo de Vide, os elementos diversificados do concelho conjugam-se entre si para constituir um quadro único. De acordo com o depoimento de C. (antigo autarca e figura pública local), que acima transcrevemos, encontramos a ideia de que a paisagem é reveladora de um traço cultural distintivo da população de Castelo de Vide: o da procura de autonomia através da diversificação de recursos, recursos esses que se considera serem escassos. De forma semelhante, O., agricultor pluriactivo, é de opinião de que “uma parte interessante [de Castelo de Vide] [...] é a mistura do olival com a vinha, eu só vejo isto aqui. As pessoas aproveitavam tudo ao máximo, então aparece-nos muitas vezes isto, o aproveitamento dos espaços entre as oliveiras para cultivar vinha”. Estes dois entrevistados salientam bem o interesse pela diversidade como uma característica distintiva, ela própria, do concelho, expressando a ideia de que o próprio carácter dos castelo-videnses, ao privilegiar muito a autonomia, favorece a combinação de elementos múltiplos e, com ela, a diversidade paisagística.

Também a ideia de uma especial ligação entre a vila e o seu termo, que emerge nas entrevistas como factor específico da vida local, remete para a percepção de uma totalidade compósita. Expressivamente, C. recorda que “o que diferencia Castelo de Vide de outras terras” é que enquanto “na maior parte do Alentejo [...] as pessoas têm um bocadinho de terra, têm um jardim, aqui não”. O facto de a vila ser habitada por uma população com características predominantemente urbanas enfatiza a sua dependência orgânica do campo. A., “alfaiata” e esposa de um ferreiro, dá conta de como o facto de o seu marido ter uma oficina por conta própria leva a que a sua casa seja abastecida de vegetais essencialmente “por essas pessoas do campo”, que são grande parte dos clientes do marido. Por esta razão, A. não faz muitas compras no mercado. As que faz, por sua vez, são sempre “coisas das hortas”: “eu procuro sempre comprar das pessoas, pronto, que nós conhecemos, que têm hortas ao pé de Castelo de Vide, e assim”. Ao explicar esta preferência, A. adianta que “aqui ao pé temos boas águas, outras a gente

nunca sabe quando é que elas são regadas, os químicos e assim”. Estas visões remetem para a noção de pertença à vila ou ao campo como princípios significativos de identidade e diferença. A oposição e complementaridade entre a vila urbana e o campo — em especial hortícola — dão significado social à associação de Castelo de Vide com a paisagem envolvente, sendo o campo encarado pela população local como um tradicional fornecedor de alimento à vila. As referências constantes, ao longo das entrevistas, ao mercado de sexta-feira, sugerem o seu lugar preponderante no imaginário local, marcando o tempo e o espaço de afluência e encontro entre “os da vila” e “os do campo”.

Simultaneamente, estas articulações encontram-se hoje em processo de transformação. A pluralidade e relativo contraste de visões acerca de cada uma das paisagens identificadas abre uma janela sobre as condições contemporâneas dessa ruralidade em redefinição.

A VILA, O CAMPO E A CIDADE: RECONFIGURAÇÕES

L. instalou-se há alguns anos em Castelo de Vide, de onde a sua esposa é originária. Estando já reformado, não é no entanto homem para “ficar parado”. Durante a entrevista, mostra e fala com orgulho dos melhoramentos que fez na terra que cultivava, junto à casa que construiu no perímetro da vila: “vejo crescer as oliveiras, vejo crescer as couves [...] vejo crescer tudo! Se isto não é assim, então o que é que é melhor? É a gente estar à espera da esmolinha dos outros? [...] as partes urbanas fica-lhes a vida muito carinha. Compra-se salsa, compra-se tudo”.

L. enfatiza, desta forma, a função de fornecedor de alimentos tradicionalmente atribuída ao espaço rural, face à qual a cidade surge essencialmente como um espaço de consumo, dependente do campo para a satisfação da necessidade básica de alimento.

Esta relação entre campo e urbe está no entanto a reconfigurar-se, facto que é perceptível, entre outros aspectos, na forma diversificada como a mudança é interpretada pelos entrevistados. O caso de Castelo de Vide e um enfoque na paisagem revelam entendimentos contraditórios que são interessantes na medida em que expressam, em si mesmos, a negociação de novos significados para uma ruralidade contemporânea. Assim, se a transformação dos usos agrícolas do solo pode ser entendida como um indício de abandono da terra, estão disponíveis também percepções da mudança que valorizam sentidos patrimoniais, novas articulações entre actividades, novas associações à natureza. Sendo distinta nas suas várias expressões, a mudança tem em comum a transformação do significado conferido à actividade agrícola.

A atribuição de novos significados à agricultura é mais evidente junto dos residentes de proveniência urbana. Na envolvente da vila, onde a função

residencial ganha crescente proeminência, surge um interesse pela paisagem agrícola que se desliga da sua função primordialmente produtiva. A actividade agrícola surge neste contexto como modo de manutenção do enquadramento rural ou, em si mesma, como objecto patrimonial. S., arquitecto de origem urbana com raízes familiares no concelho, ao adquirir para residir uma propriedade com cerca de 20 hectares considerou ser sua responsabilidade assegurar a manutenção agrícola da terra comprada. Por considerar que a paisagem local é, tal como a arquitectura urbana da vila, “expressão de uma vivência”, de “uma identidade sócio-cultural”, S. refere-se aqui a um património colectivo.

Numa óptica um pouco diferente, também N. refere que em muitas das quintas características de Castelo de Vide, que não são hoje habitadas permanentemente, os proprietários procuram manter a actividade agrícola “pelo menos para os ajudar a manter as casas de família”. Estas quintas, de que é bom exemplo aquela de que a sua família é proprietária há várias gerações, constituem património familiar com fortes conotações identitárias. N. vê aqui uma associação positiva entre estas estratégias de perpetuação do património familiar e a definição de uma vocação turística para Castelo de Vide: “para as pessoas que vivem na cidade” é francamente agradável poder vir ao Alentejo e apreciar os carneiros, uma paisagem agrícola”. Com actividade profissional na área do turismo de qualidade, N. está entre aqueles que vêm nas especificidades de Castelo de Vide grandes potencialidades para uma associação entre agricultura de qualidade e lazer, lamentando que a desvalorização da actividade agrícola (que considera ser patente na inconsistência dos apoios públicos) se constitua como obstáculo à realização das potencialidades do concelho.

No Norte do concelho, na zona de latifúndio, práticas novas aliam-se igualmente a novos olhares sobre a agricultura. É o caso de E., que já referimos, um dos proprietários de maior dimensão do Norte do concelho, que pretere um enfoque na agricultura em si mesma em favor de modalidades de gestão integrada da propriedade, com vista à sua manutenção. Na sua propriedade, a gestão da terra tem já claramente um papel de suporte a actividades não agrícolas, como a criação de gado em regime muito extensivo e a actividade cinegética em contexto turístico.

Nestes contextos, não apenas a vocação económica da terra se transforma, mas também a forma como o Alentejo é pensado cada vez mais em associação a patrimónios naturais e culturais próprios, e menos à luz do passado imaginário produtivo cerealífero (Cutileiro, 2004).

Esta reconfiguração integra igualmente um espectro de visões diferenciadas sobre a percepção de Castelo de Vide como um espaço de natureza, decorrente da diferente sensibilidade comparativa entre naturais do concelho, residentes de origem portuguesa e residentes estrangeiros.

Considere-se novamente, a título exemplificativo, o caso de J., italiano que habita em Castelo de Vide há quase duas décadas. Tendo residido anteriormente numa grande cidade europeia, J. é natural de um fértil vale intensamente agricultado, facto que contribui para uma desvalorização da vertente agrícola facilmente identificável pelos naturais do concelho no sistema agro-silvo-pastoril extensivo característico da região alentejana. Nas suas palavras: “eu não vejo aqui nenhuma agricultura, vejo pasto. E penso também que a agricultura aqui deve ser impossível, a não ser em hortas privadas de pessoas que têm casas no campo, que ainda bem que produzem alguma coisa e que desfrutam desta actividade. Mas agricultura não vejo nenhuma, penso que não é possível”. À semelhança de turistas e de outros novos residentes europeus, J. valoriza ter encontrado em Castelo de Vide a tranquilidade, uma natureza cuja qualidade se manifesta nas realidades mais modestas. Nas suas palavras, “aqui vêm-se cenas que parecem irreais, de milhões de flores na primavera, é uma coisa que não se vê em qualquer sítio [...]. Em Fevereiro, Março, quando há água, aparece um tapete de malmequeres, que é uma flor que mais simples não se pode, mas a mim encanta-me, fico ali horas emocionadíssimo! [...] a natureza é o melhor pintor e escultor que se possa imaginar”. Entre residentes de origem urbana, como J., encontramos uma maior atenção à paisagem como fonte de prazer estético, que não deixa de apontar para a definição de vocações não-agrícolas para o território em questão. Ainda na opinião de J., em Castelo de Vide “estamos fora do mundo [...] metidos nas margens da Europa [...] aqui temos de viver do turismo, porque não polui, não engana ninguém, é bonito, pode ser vendido, é um produto extraordinário que nós temos aqui”.

Esta ênfase na Natureza enquanto fonte de bem-estar e de prazer estético, que se contrapõe ao domínio da iniciativa humana, é distinta do entendimento patrimonial que novos residentes portugueses, de origem urbana, expressam em relação às actividades que desenharam historicamente a paisagem actual — quer as práticas hortícolas, quer as agro-silvo-pastoris. Tal entendimento estabelece uma continuidade entre a conservação da paisagem e a preservação do edificado urbano da vila, cujo valor cultural é mais consensualmente reconhecido.

De resto, a ruralidade e a urbanidade não são, para estes residentes, realidades necessariamente opostas, correspondendo à convencional justaposição de modo de vida e localização. Para F., a opção de viver em Castelo de Vide traduziu-se não só num maior *acesso* aos benefícios proporcionados pelo espaço rural, mas também, paradoxalmente, de *acesso* às vantagens proporcionadas pela urbanidade:

Temos tudo [...] se eu quisesse ter uma casa assim em Lisboa nem que eu me esfaltesse toda a trabalhar e nem com dez vezes o dinheiro que investi

eu conseguia ter a casa [...]. Depois a questão dos transportes, eu vivo a dez minutos, vou a pé para casa, [...] a escola dos miúdos é a cinco minutos a pé do sítio onde eu trabalho [...] numa manhã posso, se quiser, ir aos correios, entregar a declaração de IRS, ir ao tribunal pedir uma certidão, sei lá, e nisso eu posso demorar no máximo uma hora. [...] se tentasse fazer isso em Lisboa precisava de três dias, porque não é só a questão das distâncias é depois a quantidade de pessoas que estão a fazer exactamente os mesmos pedidos e os serviços levam muito mais tempo a dar resposta. Isso para mim é qualidade de vida. [...] se eu quiser sair à noite, ir ao cinema, vou para Lisboa, deixo as crianças com os avós, vou onde quero, não é de facto uma questão.

Vale a pena observar também com algum cuidado as percepções e práticas dos habitantes naturais do concelho. Vimos que é sobretudo entre estes que encontramos a noção de abandono do campo, a par da valorização das actividades que asseguram a manutenção de áreas tratadas, quer sob a forma de actividade agrícola, quer sob a forma de espaço residencial na envolvente da vila. Se o campo proporciona aos residentes de origem urbana um espaço de residência e de lazer, para os naturais do concelho ele está muitas vezes marcado por um excessivo isolamento. No que respeita aos que habitam os aglomerados (quer a vila, quer a aldeia de Póvoa e Meadas), é sobretudo a dinâmica de actualização de vínculos familiares que predomina nas visitas que fazem ao campo. No que se refere aos mais jovens, todos os que entrevistámos residem nas localidades de Castelo de Vide ou Póvoa e Meadas, mantendo, no entanto, tais vínculos familiares com o território concelhio. Não estando nenhum deles directamente envolvido na produção agrícola, vão regularmente ao campo visitar familiares próximos (os avós, pais ou sogros), podendo mesmo participar circunstancialmente nas actividades agrícolas que ocupam esses familiares. A sua sensibilidade aproxima-os, nalguns aspectos, dos entrevistados de perfil mais urbano, os quais, face às fotografias mostradas, articulam comentários relativos aos aspectos mais formais e propriamente estéticos. Por exemplo, B. tem 22 anos, estuda em Portalegre e reside na vila. Nas suas palavras, “desde que possa, a minha prioridade, vá, é ir até ao campo, passear, aliviar um bocado disto tudo”. No campo “ajudo os meus avós nalguns trabalhos de que eles precisem, que também já estão velhotes e tenho pena deles, então dou-lhes uma ajuda. Eles sempre trabalharam na agricultura, têm gado, sempre que tenho algum tempo livre, é isso”. B. “gost[a] muito de estar sozinho” e por isso “gost[a] mesmo muito do campo”. I., por sua vez, aponta em algumas fotografias o facto de a paisagem “ser bonita”, “o contraste de cores, o céu com o mato, vá, com a terra”.

Entre os mais velhos, parte da actividade agrícola tem contornos não estritamente produtivos, de uma forma que de resto não é inteiramente nova

na ruralidade portuguesa (Lima, 2008). V., moradora no centro histórico da vila, comenta: “eu tenho aqui uma vizinha que tem um prediozinho ali na Amieira, semeia batatas, semeia tudo aquilo que ela quer porque o prediozinho é muito bom e sempre tem pena de não ir semeando. E então semeiam já só para o gasto da casa, mas têm as casinhas arrançadas”. É um dos casos em que existe um interesse pela produção destinada ao auto-consumo, que se articula explicitamente com um investimento na manutenção do espaço. A redefinição do lugar da agricultura não se limita, assim, aos residentes de origem urbana.

CONCLUSÃO

A análise e interpretação de um conjunto de testemunhos de habitantes do concelho de Castelo de Vide indica que a paisagem está bem presente no modo como é pensada a singularidade daquele território. Em si mesma, esta constatação de uma associação entre paisagem e identidade local não é deveras surpreendente. Há muito que esta região é conhecida como a “Sintra do Alentejo”, expressão que sugere a mobilização de características paisagísticas para discursos sobre o lugar. A contribuição específica deste texto pretendeu ser, antes, a de tratar o problema da relação entre paisagem e identidade como uma realidade dinâmica, através da identificação de um conjunto de fronteiras simbólicas por referência às quais tal relação é praticada. Com base num estudo de caso exploratório, esta perspectiva levou-nos a uma incursão pelos múltiplos olhares que vão reconfigurando a ruralidade contemporânea. Um enfoque multidisciplinar na paisagem permite um estudo da mudança que não se fixe numa visão demasiado dicotómica do rural em transformação (Wilson, 2007).

A partir desse enfoque, identificámos a importância da diversidade paisagística na forma como os habitantes de Castelo de Vide pensam a identidade local (social) e do lugar. Vimos que a oposição entre vila e campo é central nas concepções analisadas, sendo o concelho polarizado simbolicamente pelo núcleo urbano da vila. Neste quadro, a serra de São Mamede e o mosaico envolvente da vila são mais fortemente associadas a Castelo de Vide, enquanto as paisagens da produção agrícola extensiva (sistema agro-silvo-pastoril) e do xisto são claramente periféricas, ou mesmo, no último caso, contrapostas à realidade castelo-vidense. Tal articula-se, no entanto, com uma consciência, por parte dos habitantes locais, da diversidade da paisagem.

Esta atenção à diversidade integra-se na visão do concelho como uma totalidade compósita, fazendo com que a diversidade surja, ela mesma, como um eixo de diferenciação face ao exterior. À diversidade paisagística fazem-se corresponder actores sociais específicos e modos distintos de relação com

a terra. Estes tanto remetem para diferentes tipologias sociais, como articulam a noção de um todo, composto pela relação de elementos distintos entre si.

A par dos traços que se considera singularizarem o concelho, também as visões da mudança foram consideradas neste artigo, em particular no que concerne a redefinição do papel da agricultura e das suas implicações em termos da dinâmica da identidade. Factores como a progressiva extensificação do sistema agro-silvo-pastoril, a instituição do Parque Natural da Serra de São Mamede, o novo peso do sector dos serviços na estrutura do emprego, a existência de uma população residente envelhecida e beneficiária de pensões do Estado, e a crescente importância do turismo como fonte de receitas e actividade, vêm reconfigurando o papel da agricultura, não só na economia e emprego, mas também na percepção de Castelo de Vide como lugar e comunidade local. Continua a valorizar-se a presença da agricultura, incluindo-se aqui aqueles casos em que a agricultura corresponde a uma escolha, uma opção de vida, em que a procura de qualidade de vida é determinante mas a actividade não deixa de ser centrada na produção — correspondendo todas estas novas formas de estar e gerir o espaço rural ao que van der Ploeg (2008) designa como *new peasantries*. Noutros casos, constata-se a subalternização da sua função estritamente produtiva. Alguns habitantes enfatizam o abandono da terra, realçando o lugar de destaque que a agricultura detinha anteriormente na afirmação de uma vocação produtiva para o território. Finalmente, é também bem perceptível a afirmação de outras ideias de ruralidade, em que a agricultura passa a integrar-se no quadro de usos lúdicos, patrimoniais e turísticos do rural.

A chegada de um novo perfil de habitantes a Castelo de Vide, pessoas em regra de origem urbana, surge como um facto importante, alterando não só a morfologia do tecido social local, como os termos em que ele é pensado. Esta transformação é marcada pela ambivalência no modo como os novos residentes são olhados. Por um lado, eles partilham com os turistas a sua origem e perfil urbanos, contribuindo para uma valorização simbólica da comunidade local. Ao mesmo tempo, porém, estes novos habitantes são definidos pelos naturais do concelho a partir da sua condição de exterioridade (não deixando eles próprios de incorporar tal definição). Esta ambivalência ganha particular visibilidade e acutilância no âmbito, justamente, das políticas de identidade que apostam na patrimonialização da vila e do território, em torno de questões como a da preservação do centro histórico da vila ou da gestão do Parque Natural de São Mamede.

Trata-se de um aspecto a merecer investigação aprofundada, para lá do alcance do estudo que aqui se apresentou. No artigo que agora terminamos, não procurámos o enfoque, porventura mais clássico nos discursos canónicos ou institucionais que produzem a paisagem dominante, com a qual se confrontam as experiências do lugar que caracterizam modos alternativos de

relação com o território (Williams, 1993 [1973] e Cosgrove, 1998 [1984]). Procurámos, antes, explorar as potencialidades de um enfoque multidisciplinar sobre a paisagem como instrumento conceptual e metodológico que nos permita aceder ao modo como as características intrínsecas e específicas da paisagem material na área estudada são mobilizadas, em primeira mão, para a dinâmica da identidade pelos habitantes de Castelo de Vide.

BIBLIOGRAFIA

- AGAR, M. (1996), *The Professional Stranger. An Informal Introduction to Ethnography*, Nova Iorque, Academic Press.
- ANDERSON, B. (1991), *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, Londres, Verso.
- BAPTISTA, F. O. (1996), “Declínio de um tempo longo”. In J. Pais de Brito (ed.), *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, pp. 35-75.
- BELL, S. (2001), “Landscape pattern, perception and visualisation in the visual management of forests”. *Landscape and Urban Planning*, 54, pp. 201-211.
- BUREL, F. e BAUDRY, J. (1999), *Écologie du paysage. Concepts, méthodes et applications*, Paris, TEC & DOC.
- CARMO, R. (2007), *De Aldeia a Subúrbio. Trinta Anos de Uma Comunidade Alentejana*, Lisboa, ICS.
- CARMO, R. (2008), “Da escala ao território: para uma reflexão crítica do policentrismo”. *Análise Social*, XLIII (4), pp. 775-793.
- CAROLINO, J. (2010), “The social productivity of farming. A case-study on landscape as a symbolic resource for place-making in Southern Alentejo (Portugal)”. *Landscape Research*, 35 (6), pp. 655-670.
- CASEY, E. (1993), *Getting Back into Place. Toward a Renewed Understanding of the Place-World*, Bloomington, Indiana University Press.
- CASEY, E. (1996), “How to get from space to place in a fairly short stretch of time. Phenomenological prolegomena”. In S. Feld e K. Basso (eds.) *Senses of Place*, Santa Fe, School of American Research Press, pp. 13-52.
- CASEY, E. (1998), *The Fate of Place. A Philosophical History*, Berkeley, University of California Press.
- CONSELHO DA EUROPA (2000), *European Landscape Convention*, CETS n.º 176, Estrasburgo, Conselho da Europa.
- COSGROVE, D. (1998 [1984]), *Social Formation and Symbolic Landscape. With a New Introduction*, Madison, The University of Wisconsin Press.
- COSGROVE, D. and DANIELS, S. (1994 [1988]), “Introduction: iconography and landscape”. In D. Cosgrove and S. Daniels (eds.), *The Iconography of Landscape*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1-10.
- COUNTRYSIDE COMMISSION (1998), *Countryside Character. The Character of England's Natural and Man-made Landscape*, Northampton, Walgrave.
- CUTILEIRO, J. (2004 [1977]), *Ricos e Pobres no Alentejo*, Lisboa, Livros Horizonte.
- DRAMSTAD, W. E., TVEIT, M. S., FJELLSTAD, W. J., FRY, G. L. A (2006), “Relationships between visual landscape preferences and map-based indicators of landscape structure”. *Landscape and Urban Planning*, 78, pp. 465-474.
- FORMAN, R. e GODRON, M. (1986), *Landscape Ecology*, Nova Iorque, John Wiley and Sons.
- GUPTA, A. e FERGUSON, J. (2001 [1997]), “Culture, power, place: ethnography at the end of an era”. In A. Gupta e J. Ferguson (eds.), *Culture, Power, Place. Explorations in Critical Anthropology*, Londres, Duke University Press, pp. 1-29.

- HIRSCH, E. (1995), "Introduction. Landscape: between place and space". In E. Hirsch e M. O'Hanlon (eds.), *The Anthropology of Landscape. Perspectives on Place and Space*, Nova Iorque, Claredon Press, pp. 1-30.
- INGOLD, T. (2000), *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- LIMA, A.V. (2008), "Agricultura a tempo parcial e multifuncionalidade do rural: novas perspectivas para o desenvolvimento rural?". Actas do III Congresso de Estudos Rurais, Faro, Universidade do Algarve (CD-ROM).
- MARUSIC J. et al. (1998), *Regional Distribution of Landscape Types in Slovenia. Methodological Basis*, República da Eslovénia, National Office for Physical Planning.
- MICHELIN, Y. (2000), "Le bloc-diagramme : une clé de compréhension des représentations du paysage chez les agriculteurs? Mise au point d'une méthode d'enquête préalable à une gestion du paysage en Artense (Massif central français) ". *Cybergeo: European Journal of Geography* [disponível em <http://cybergeo.revues.org/index1992.html>].
- PINTO-CORREIA, T., CANCELA D'ABREU, A., OLIVEIRA, R. (2001), "Identificação das unidades de paisagem: metodologia aplicada a Portugal continental". *Finisterra*, 72, pp. 195-206.
- PINTO-CORREIA, T., BREMAN, B., JORGE, V. e DNEBOSKA, M. (2006), *Estudo Sobre o Abandono em Portugal Continental. Análise das Dinâmicas da Ocupação do Solo, do Sector Agrícola e da Comunidade Rural. Tipologia de Áreas Rurais*, Évora, Universidade de Évora.
- PINTO-CORREIA, T. e PRIMDAHL, J. (2009), "When rural landscapes change functionality: constraints and development options for multifunctional landscapes. Examples from contrasting case-studies in Portugal and Denmark". In F. Brouwer e M. van der Heide (eds.), *Multifunctional Rural Land Management: Economics and Policies*, Londres, Earthscan, pp. 213-234.
- PINTO-CORREIA, T., BARROSO, F. e MENEZES, H. (2010), "The changing role of farming in a peripheric Southern European area: the challenge of the landscape amenities demand". In H. Wiggering, H. P. Ende, and M. Pintar (eds.) *Innovations in European Rural Landscapes*, Kluwer, pp. 53-76.
- RAMINHOS, M. (2004), *Fronteiras da Identidade. O "Outro" na Construção de um Lugar na Serra de Grândola*, Oeiras, Celta.
- SELMAN P. (2006), *Planning at the Landscape Scale*, Londres, Routledge.
- VAN DER PLOEG, J. D. (2008), *The New Peasantries. Struggles for Autonomy and Sustainability in an Era of Empire and Globalization*, Londres, Earthscan.
- VAN DER PLOEG, J. D. and MARSDEN, T. (eds.) (2008), *Unfolding Webs. The Dynamics of Regional Rural Development*, Assen, Van Gorcum.
- WILLIAMS, R. (1993 [1973]), *The Country and the City*, Londres, The Hogarth Press.
- WILSON, G. (2007), *Multifunctional Agriculture: A Transition Theory Perspective*, Wallingford, Cabi International.